



Quando um Texto Jornalístico se Assemelha a uma Narrativa Literária¹

Samara Sibelli de Queiroz NOGUEIRA²

Márcia de Oliveira PINTO³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

De mero dispositivo de reprodução dos acontecimentos, o jornalismo passa a ser percebido, principalmente quando faz uso de uma outra linguagem, como agente de produção de sentidos em função da construção da realidade. Diante deste contexto, o presente trabalho objetiva refletir sobre a influência de se utilizar recursos literários no telejornalismo, na caracterização da divulgação de informações verídicas. A reflexão parte de uma reunião de conceitos de autores como Amoroso Lima (1960), Gotlib (2006), Lima (2004), Moisés (1989), Paternostro (1999), Rossi (2005), Santaella (1996), Sodré e Ferrari (1986), dentre outros. O diálogo entre os teóricos faz surgir uma discussão a respeito de uma narrativa jornalística poder ou não se confundir com um texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: literariedade; realidade; telejornalismo.

1 Introdução

Convencionou-se reconhecer o jornalismo como uma prática da objetividade a favor da apreensão e apresentação da realidade, que também se mostra de forma objetiva (“como ela é”). Por fazer uso deste mecanismo, é que a atividade adquire um caráter de seriedade, e conquista, conseqüentemente, credibilidade diante do público consumidor de informação.

No entanto, temos observado, há algum tempo, a presença de um aspecto pouco comum aos textos jornalísticos: a literariedade, a qual se traduz em uma maneira subjetiva de narrar, própria dos textos literários. É a literatura adentrando o jornalismo. Conforme Lima (2004, p. 173), entre as duas áreas há fronteiras interpermeáveis. O autor comenta

1. Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

2. Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UERN, email: samsqn@yahoo.com.br.

3. Orientadora do trabalho. Professora Mestre do Curso de Comunicação Social da UERN, email: marciapinto@uern.br.



que foi quando a notícia evoluiu para a reportagem (última metade do séc. XIX), que os jornalistas passaram a se inspirar na arte literária.

A organização interna do texto, segundo Santos (1980, p.54), é um dos critérios de definição da literariedade. “Codificado em vários níveis, o autor cria um distanciamento com relação à norma, esse grau zero da escrita, que seria um plano abstrato do discurso ‘ingênuo’, ‘assepciado’ de qualquer ambivalência semântica ou incerteza de sentidos.” (SANTOS, 1980, p.54)

A literariedade é um recurso que tem sido aperfeiçoado e desbravado – ainda que de modo tímido por parte de alguns veículos – numa tentativa de tornar atraente a narrativa dos meios de comunicação, e romper com o enfado provocado por textos simplórios de rotina. No cenário televisivo, por exemplo, tem-se empregado esse procedimento redacional não obstante o que diz Cruz Neto sobre a reportagem de televisão: “O texto não pode ser subjetivo, ou seja, não pode passar ideologias, crenças e interesses do repórter.” (CRUZ NETO, 2008, p. 50). Na TV, os textos dos noticiários devem ser os mais sucintos possíveis, evitando-se análises e aprofundamentos, consoante Paternostro (1999, p.65). Não é difícil pressupor que em uma narração aprofundada haja maior propensão à subjetividade e, conseqüentemente, grandes chances de se fazer uso da literariedade à medida que o jornalista deixa-se entusiasmar.

Há de se considerar que o jornalismo não é uma atividade totalmente neutra, visto que fatores subjetivos – mesmo às vezes não interferindo na linguagem – fazem parte do processo jornalístico como protagonista de sentidos múltiplos. Borelli (2008, p.50) afirma que, “o trabalho de construção realizado pelas mídias está impregnado de subjetividade [...] Esse trabalho tem como pano de fundo as intenções das mídias [...]” Definida, portanto, a intenção de uma notícia, pode haver a opção ou não por se utilizar recursos literários.

No telejornalismo, apesar de uma busca constante da isenção jornalística no repasse das informações para que o telespectador tenha suas próprias conclusões sobre o fato relatado, de acordo com as idéias de Barbeiro e Lima (2002, p. 67), o repórter, de posse da informação, realiza um processamento mental dos acontecimentos, o que interfere na apresentação da realidade ao público. Por conseguinte, a estética do texto a ser elaborado por esse repórter poderá mostrar traços de uma literariedade incitada por desejos pessoais.

Para Paternostro (1999, p. 79), “na ânsia de se fazer literatura e não jornalismo, os textos no telejornalismo acabam confundindo o telespectador, em vez de informar, esclarecer, levar conhecimento.” Sendo assim, de que modo um texto jornalístico pode ser



confundido com um texto da literatura? Em outras palavras, quando a realidade parece um relato ficcional?

Desse modo, o objetivo do trabalho é fazer uma reflexão ao longo de três tópicos, sobre a influência da literariedade, no cumprimento da função principal da atividade jornalística: o repasse de informações verídicas, tendo-se centrado o estudo no telejornalismo. Para tanto, recorreu-se a alguns teóricos das áreas de Comunicação e Literatura, como Amoroso Lima (1960), Gotlib (2006), Lima (2004), Moisés (1989), Paternostro (1999), Rossi (2005), Santaella (1996), Sodré e Ferrari (1986), dentre outros, bem como a artigos científicos que abordam temas que deram suporte ao trabalho. Os autores dialogam de forma a dar consistência ao seguinte questionamento: no telejornalismo, à medida que os *media* se apossam de recursos literários na confecção de suas mensagens, é possível uma narrativa própria desse meio confundir-se com uma narrativa da literatura e, concomitantemente, tornar duvidoso o caráter da informação?

2. A “desconstrução” do padrão jornalístico de narrativa

Segundo Rossi (2005, p. 7), “Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes.” É um tipo de atividade que convida o público ao consumo, para então subjugar-lo.

Possuidor de uma linguagem referencial (relato seco e direto), o ramo tem como saída para uma renovação estilística que possibilitaria mais facilmente tal convite, aproximar suas formas narrativas das artes, parafraseando Lima (2004, p. 138). Assim também os receptores melhor compreenderiam o mundo ao seu redor, e a si mesmos. A utilização de aspectos não recomendados pelo jornalismo conforme os manuais da área – como a sensibilidade e a subjetividade – integram o conjunto de técnicas narrativas que transpõem os ditames da objetividade.

A atividade jornalística é norteadada pela linguagem, por seus códigos e regras. Uma vez dispendo dessa ferramenta, os jornalistas estão aptos a trabalharem com o dinamismo da língua, e assim poderão converter a superficialidade propagada em uma maior complexidade mediada pelo campo midiático.

As funções expressiva, conativa, fática, poética e metalingüística, estabelecidas por Jakobson (*apud* LIMA, 2004, p.156) do mesmo modo que a referencial, são pouco exploradas na prática do jornalismo cotidiano. Consequência disso é o fato de a maioria



dos profissionais e das pessoas em geral compreenderem o exercício do jornalismo apenas em seu caráter tradicional, onde a prática da subjetividade é ignorada.

As cinco funções citadas acima são capazes de enriquecer as narrativas e atrair os consumidores, colocando-os no palco dos acontecimentos.

A constatação de que o repórter não pode ou não deve, ser inocente ou passivo quanto propõe a tradição do ofício e de que a objetividade que se persegue não pode ser atingida por inteiro – da mesma forma que, em ciência, não existe medição sem erro – levou alguns jornalistas, na década de 1960, a defender a utilização de técnicas literárias para o aprofundamento da realidade, a busca de *essências*, no sentido que essa palavra tem na filosofia alemã. (LAGE, 2008, p. 140, grifo do autor).

O jornalismo “objetivo” é visto apenas como transmissor da realidade, sendo percebido, dessa maneira, como simples suporte, veiculador “neuro” dessa realidade. Desse ponto de vista, e tomando por base a Teoria do Espelho⁴, a informação não seria nada mais do que um reflexo do real. Mediante a função de “espelho”, a narrativa jornalística dominada pela objetividade, impossibilita uma outra construção estética do texto, influenciada pela arte.

Porém, segundo Pena (2008, p. 128), antes de ser um reflexo do mundo concreto, o jornalismo é a construção social de uma suposta realidade. Por isso é válido salientar que a atividade jornalística não é capaz de se servir exclusivamente de uma linguagem referencial, essencial a essa objetividade, e se utiliza de conotações, plurissignificações e polissemias que evidenciam o espírito criador do profissional, o qual faz arte e constrói a realidade à medida que deixa fluir sua sensibilidade. Para Borelli (2005, p.2), o trabalho jornalístico como atividade simbólica tem a tarefa de apontar a realidade segundo pontos de vistas específicos. Cada profissional da área tem a capacidade intrínseca de levar a público, através de suas palavras, um dado universo.

Técnicas como a valorização de detalhes expressivos, ou o monólogo interior, aplicam-se, consoante Lage (2008, p. 141), a alguns gêneros jornalísticos. Esse conjunto de processos diz respeito ao artesanato do romance ou do conto, que pressupõe o uso da imaginação para um melhor conhecimento dos arredores, opinião defendida pelo autor. A

4. Pena (2008, p.125), diz que “por essa teoria, o jornalista é um mediador desinteressado, cuja missão é observar a realidade e emitir um relato equilibrado e honesto sobre suas observações, com o cuidado de não apresentar opiniões pessoais. Seu dever é informar, e informar significa buscar a verdade acima de qualquer outra coisa. Mas, para isso, ele precisa entregar-se à objetividade, cujo princípio básico é a separação entre fatos e opiniões.



literatura estaria auxiliando o jornalismo, dessa forma, a um conhecimento aprofundamento de mundo. “Jornalismo só é literatura enquanto empregar a expressão verbal com ênfase nos meios de expressão.” (AMOROSO LIMA, 1960, p.23). É a intensidade da expressividade de um relato que enriquece a narrativa ao mesmo tempo em que aproxima as duas áreas (jornalismo e literatura).

Em complementação a esses conceitos, Moisés (1989, p. 44) defende que a arte literária não é apenas uma forma banal de entretenimento. “[...] mais do que recreação de alto nível, a Literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os homens [...]” É ela que nos oferece novas possibilidades e novos campos de experiências, e permite um vasto número de estratégias simbólicas que nos ajudam a circunscrever as nossas situações.

3. A imaginação a favor de uma percepção real ou da criação de outra dimensão?

Contudo, sabe-se que, assim como afirma Sodré e Ferrari (1989, p. 123), no projeto da literatura existe o predomínio do imaginário, enquanto no jornalismo deve-se impor a realidade, seja ela histórica ou atual. Então, quando a prática jornalística utiliza-se também da imaginação, é o real que está sendo representado ou resquícios de ficção? O público saberá distinguir em seu consciente fato de invenção? Até que ponto o emprego de recursos literários no jornalismo pode ser nocivo ao seu exercício de levar informações verdadeiras ao público? Bulhões faz as perguntas terem razão de ser:

A literatura é, por excelência, um território para o devaneio fantasioso, uma instância de desatrelamento da vida contingente. A sua ‘verdade’ reside também aí, ou seja, na capacidade de atingir uma dimensão universal e essencial da subjetividade humana, a da atividade imaginativa. (BULHÕES, 2007, p. 19).

Se a imaginação se desprende da realidade, outra estaria sendo criada, individualizada e salvaguardada na mente do indivíduo. “A ficção, entendida como o universo interior onde estão armazenados e transfigurados os produtos da percepção sensível e emotiva da realidade ambiente, faz aqui sua entrada.” (MOISÉS, 1989, p. 37). Se há uma deformação do real, ocorre fingimento e farsa?

Conforme Lage (2008, p. 141), há um grau de dificuldade em se confeccionar um texto literário em situações reais. Quando se misturam dados de episódios diferentes para



compor um só, pratica-se literatura, e não jornalismo. A função principal deste último – transmitir fatos verídicos – perderia espaço, nessas condições, para a capacidade criadora do profissional, que poderia ser comparado a um artista. Seria a arte se sobrepondo à realidade?

Rossi (2005, p. 33) diz que o papel de qualquer publicação é apresentar bons textos, não basta serem originais. Porém, estes tem de exibir uma rigorosa exatidão. “A forma que toma esse texto – estabelecidas certas premissas básicas – é que deveria ser deixada a critério de seus repórteres e redatores.” (ROSSI, 2005, p. 33). Nesse contexto, Kelly (1972, p. 166) reforça as ideias de Rossi ao afirmar que os processos jornalísticos se assemelham aos demais processos de criação artística, quando capta o que há de sensível no fato e comunica-o de modo inteligente.

Conforme Lima (2004, p. 138), a melhor narrativa jornalística é aquela que beira à arte. Nesse tipo de composição, a função expressiva passa a ter realce, uma vez que as opiniões e os sentimentos do emissor se deixam perceber na mensagem. Tal procedimento, para citar um exemplo, é bastante usado na construção de perfis humanizados, por ser um gênero cuja função é retratar em profundidade um personagem. Vale dizer que “[...] as reportagens biográficas transportam elementos sutis situados muito além dos fatos e das técnicas.” (VILAS BOAS, 2003, p. 30). São nas histórias de vida que recursos artísticos podem ganhar expressividade, uma vez que esse tipo de texto favorece a abertura para a dinamicidade da linguagem, no uso de suas diferentes partes, estejam relacionadas à sintática, semântica ou pragmática.

De acordo com Vilas Boas (2002, p. 93), o perfil jornalístico (também chamado de *short-term*) é um texto biográfico curto, publicado em impresso ou eletrônico e que conta episódios marcantes da vida de um indivíduo, famoso ou não. Por “detalhar” uma pessoa, os perfis podem se utilizar dos mais variados meios textuais – figuras de linguagens, polissemias, plurissignificações – visando o alcance de seu objetivo, que é a descrição sucinta e empolgante de um sujeito. Sabendo-se que para Moisés (1989, p. 37, grifo do autor), “*Literatura é ficção*”, o texto de um perfil pode ser seduzido pela literatura e aproximar a pessoa em foco de um personagem de ficção.

É interessante lembrar que as histórias de vida breves apareceram em jornais e revistas há dois séculos, e foi a partir de 1930 que surgiam perfis longos, profundos e escritos literariamente, segundo Vilas Boas (2003, p. 22). No Brasil destaque para as revistas *O Cruzeiro* e *Realidade*, as quais foram pioneiras na redação de textos biográficos



humanizados, ou em outras palavras, escritos nos moldes da literatura. Essas revistas conquistaram os leitores exatamente pelo método peculiar de narração.

O imaginário e a subjetividade são, portanto, elementos essenciais para quem escreve um perfil jornalístico. A frieza e o distanciamento de quem perfila são altamente prejudiciais, visto que o repórter deve seduzir e hipnotizar o público, fazendo-o sentir vontade de “mergulhar” no personagem. De igual maneira, é de boa dose de imaginação que o consumidor desse modelo de narrativa terá que dispor para então se deixar adentrar no interior do indivíduo retratado.

“A experiência humana é nossa principal referência. Mas o jornalismo convencional – rígido, cartesiano, funcionalista – apresenta o indivíduo abstratamente.” (VILAS BOAS, 2003, p. 18). Na pressa da atividade e no dever de serem “objetivos”, os profissionais de jornalismo não se sentem obrigados a aprofundar suas reportagens.

Sodré e Ferrari (1989, p. 76), acreditam que “o excesso de detalhes, muitas vezes, obscurece a história ao invés de enriquecê-la.” Para eles, a objetividade e a economia (clareza) são exigências para não se deixar escapar a força de um texto, e não tornar possível que o receptor se perca no meio da narrativa.

Temos aí autores que divergem quanto à extensão que uma notícia possa adotar, enquanto um acredita no benefício de textos aprofundados, outros alertam para uma possível dificuldade de acompanhamento do relato. O fato é que haverá sempre quem defenda uma aparência objetiva do texto, em oposição aqueles que almejam uma “quebra” da estrutura convencional da narrativa. O que não se sabe ao certo, porém, é a vantagem e desvantagem da escolha a que os jornalistas se submetem. Considerando-se essa última afirmativa, no entanto, cabe aqui uma outra indagação: optando-se pela concisão do relato, estar-se-ia evitando a interpretação deste como a criação de um mundo fantasioso?

4. Analogias textuais

A reportagem no meio televisivo, tem artifícios suficientes para superar a monotonia provocada pela simplicidade de construção das mensagens jornalísticas que os manuais ordenam, prendendo a atenção do telespectador através da criatividade de quem estar por trás, ou na frente das câmeras, à medida que utiliza uma miscelânea de recursos audiovisuais, dentro dos quais se inclui o texto oral, também de força significativa dentro do processo convidativo da TV. Por transportar o receptor para “dentro” de suas histórias, a televisão exerce, então, certo fascínio. O jornalista que escreve para TV deve contar o



fato como se estivesse contando-o para alguém em uma conversa informal. Daí a linguagem coloquial ser também uma exigência para o texto jornalístico de televisão, valendo-se do que diz Paternostro (1999, p. 78).

É de conhecimento que “o texto do telejornal tem uma estrutura de [...] sintetização e objetividade.” (BARBEIRO e LIMA, 2002, p. 95). Contudo, muito aquém do cumprimento das exigências na busca da neutralidade, estão as analogias na relação reportagem *versus* o conto literário.

Na narrativa literária, o conto costuma ser a forma mais curta; em jornalismo, a reportagem é mais longa. Mas as duas formas muito se assemelham: pode-se dizer que a reportagem é o conto jornalístico – um modo especial de propiciar a personalização da informação ou aquilo que também se indica com ‘interesse humano’. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 75).

O relato aprofundado não só informa como educa, e permite o encontro do consumidor de informação com a essência da mensagem jornalística. Conforme Maria (2004, p. 12), além da função educativa que o conto exercia nas sociedades primitivas, a forma narrativa possibilitava evasão: fuga da realidade através da idealização de um paraíso perdido. A reportagem de televisão, de igual modo, tem competência para conceder um desvio do real na apresentação de outro tipo de paisagem, e um dos modos para tal fim, é o uso de recursos literários ao longo da narrativa.

Diz Maria: “O conto foi, em sua primitiva forma, uma narrativa oral, freqüentando as noites de lua em que antigos povos se reuniam e, para matar o tempo, narravam ingênuas histórias de bichos, lendas populares ou mitos arcaicos.” (MARIA, 2004, p. 8). A TV mantém analogia com o conto literário também com relação a esse quesito. Repórteres e apresentadores devem contar a história para alguém, como se estivessem conversando com a pessoa, pensamento defendido por Paternostro (1999, p. 78). O veículo é visto ainda como passatempo, entretendo o público que o acompanha, semelhante ao conto literário. Por essa razão a importância de se pensar em linguagens que prendam a atenção do telespectador, ao relatar uma informação.

Tchekhov (1966 *apud* GOTLIB, 2006, p. 43) exige do conto força, clareza e compactação.

Assim, o texto deve ser *claro* – o leitor deve entender, de imediato, o que o autor quer dizer. Deve ser *forte* – e ter a capacidade de marcar o leitor,



prendendo-lhe a atenção, não deixando que entre uma ação e outra se afrouxe este laço de ligação. O excesso de detalhes desorienta o leitor, lançando-o em múltiplas direções. E deve ser *compacto* – deve haver condensação dos elementos. (GOTLIB, 2006, p. 43, grifo da autora).

De forma mais ou menos semelhante, a reportagem de televisão requer essas três características na elaboração de suas mensagens. Nitidez devido à sua imediaticidade, força (efeito) para conduzir o receptor ao fim da narrativa, e condensação frente ao seu desafio de síntese e objetividade. Sodr e e Ferrari (1986, p. 75) falam, por fim, em um quarto atributo: a tensão – dosagem de elementos que levam a um clímax, retardando a narrativa. Esse fato   o que provoca suspense e curiosidade, como ocorre tamb em nos contos literários.

  importante ressaltar que o conto aqui foi escolhido somente para exemplificar a capacidade que certos g neros da literatura possuem de apresentarem traços semelhantes com tipos de texto t picos do jornalismo.

5. Comentários finais

A “desconstru o” do padrão jornalístico de narrativa tem favorecido um diálogo entre jornalismo e literatura, quando o primeiro se utiliza de elementos do segundo em sua configura o est tica.

Perfis sedutores e reportagens humanizadas de televisão, pertencem a um sistema dominado por procedimentos literários. São formas textuais de hibridiza o, numa observa o mais aprofundada de sua estrutura narrativa. Segundo Santaella,

[...] A rigor, todas as m dias, desde o jornal até as m dias mais recentes, são formas híbridas de linguagem, isto  , nascem na conjugac o simultânea de diversas linguagens. São mensagens são compostas na mistura de códigos e processos s gnicos com estatutos semióticos diferenciais. [...] (SANTAELLA, 1996, p. 43)

Quanto maior o número de elementos sint ticos e semânticos que constituírem a história, maior será o seu aspecto de hibridiza o.   cada vez mais crescente o aparecimento de estruturas híbridas, um texto parece já não conseguir ser isento de uma mistura de linguagens.



Pela reunião dos vários conceitos expostos no decorrer do trabalho, é questionável se essa mistura no telejornalismo, por exemplo, pode fazer com que uma narrativa própria desse meio confunda-se com uma narrativa da literatura, e concomitantemente, torne duvidoso o caráter da informação.

Compreendendo a arte literária como o modo de expressar os conteúdos da imaginação, diz-se que “a imagem, sujeita a mecanismos psicológicos, constitui uma distorção da realidade, enquanto a palavra distorce a imagem, por submetê-la a leis e normas inerentes à mecânica da escrita.” (MOISÉS, 1989, p. 40).

Por entender que os recursos literários tem uma grande carga criativa ao redor de sua própria expressão, difícil não levantar uma discussão sobre a inventividade ou não que pode ser gerada por seu uso.

REFERÊNCIAS

AMOROSO LIMA, Alceu. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 4.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BORELLI, Viviane. **Jornalismo como atividade produtora de sentidos**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelli-viviane-jornalismo-atividade-sentidos.pdf>> Acesso em: 01 maio 2010. Artigo científico.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GOTLIB, Nádya Battela. **Teoria do conto**. 11ed. São Paulo: Ática, 2006.

KELLY, Celso. **Arte e Comunicação**. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7.ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.



LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Edição revisada e atualizada. Barueri, SP: Manole, 2004.

MARIA, Luzia de. **O que é conto.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária:** poesia. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV:** manual de telejornalismo. 16.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo.** 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias.** 3.ed. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTOS, Pedro Braga dos. Da especificidade do literário. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP, ano 1, n. 4, p. 53-60, out. 1980.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos:** jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.